

INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS EM ALUNOS COM DISLEXIA

ANNE CAROLINE DUARTE annecaroline91@hotmail.com
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS- UFSCAR

CALIXTO JUNIOR DE SOUZA calixto.souza@ifg.edu.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS- UFSCAR

RESUMO

A aprendizagem é um processo complexo depende de fatores orgânicos e comportamentais, desta forma, conhecer a origem dos distúrbios de aprendizagem que comprometeram a assimilação do conhecimento é importante. Neste estudo será enfatizada a discussão em um distúrbio de aprendizagem a dislexia, esta acarreta dificuldades no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. os alunos disléxicos apresentam peculiaridades no processo de ensino e o professor deve promover praticas pedagógicas adequadas para que esses tenham equidade no processo de ensino. Portanto, este estudo tem o objetivo de identificar formas de intervenção que podem auxiliar o professor e aluno com dislexia no processo de ensino. Para tanto buscou-se embasamento em bancos de dados brasileiros e estrangeiros, está pesquisa caracteriza-se como descritiva com enfoque na revisão bibliográfica. por meio da consulta nessas fontes constatou-se a importância do docente adequar materiais, meios e demais recursos que compõe o processo de ensino com a faixa etária, individualidades e contexto social desses alunos, pois essas crianças apresentam diferenças que interferem no ensino, desta forma, é importante a inserção de equipe multidisciplinar no ambiente escolar para que profissionais da saúde e da educação possam trocar conhecimentos visando auxiliar o processo de ensino de todos os alunos, porque a diversidade apresentada pela turma deve ser valorizada e não obstruída.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial – Alunos com dislexia – Aprendizagem.



A aprendizagem está relacionada a fatores individuais, dentre eles os orgânicos e os ligados ao comportamento, faz-se necessário estudar como se desenvolvem os distúrbios de aprendizagem no sujeito, pois estes irão comprometer a forma de apropriar do conhecimento. Importante frisar que, para além dos fatores orgânicos, o maior empecilho da aprendizagem está na esquemática de ensino abordada pelo professorado que, muitas vezes, não contempla as dificuldades do alunado no âmbito da prática pedagógica. Não obstante a falta de uma legislação que contemple estes alunos com distúrbios de aprendizagem no atendimento educacional especializado, estes alunos merecem uma atenção especial por parte do professorado como forma de evitar um fracasso escolar por não atender as necessidades e potencialidades desse alunado.

Quando se trata de distúrbios de aprendizagem, há uma contradição no que diz respeito à conceituação pelo fato dos termos transtornos e dificuldades serem usados como sinônimos, no entanto cada termo possui a sua peculiaridade quando se estuda a aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem estão relacionadas com problemas de origem pedagógica e/ou sociocultural, ou seja, as dificuldades de aprendizagem não estão envolvidas com nenhuma causa orgânica é algo extrínseco ao indivíduo. Já os transtornos e ou distúrbios de aprendizagem relacionam-se com problemas na aquisição e no desenvolvimento de funções cerebrais envolvidas no ato de aprender e são de origem intrínseca ao indivíduo.

O Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-V, 2013) acrescenta que distúrbio de aprendizagem (DA) são transtornos/perturbações orgânicas e/ou sociais que ocorrem no processo de aprendizagem de indivíduos, sendo uma disfunção do Sistema Nervoso Central, relacionada a uma "falha" no processo de aquisição ou do desenvolvimento, tendo, portanto caráter funcional. São também denominadas por alguns autores como dificuldades específicas de aprendizagem ou ainda como pontua o DSM-V (2013), como "transtorno de aprendizagem específica".

As DA podem ser classificadas em diferentes grupos dentre esses mencionados: discalculia, disortografia, disgrafia e a dislexia que será o enfoque deste estudo.



O termo dislexia que parece recorrente já foi mencionado e alvo de pesquisa em períodos anteriores. Para Rotta e Pedroso (2007), em 1872, Berlin mencionou o termo pela primeira vez, posteriormente foi utilizado por Kerr. No ano de 1896 publicou, no Britian Medical Journal, o interessante caso de um adolescente com incapacidade para ler, contudo, cognitivamente deveria ter condições de fazer.

Giacheti e Capellini (2000), afirmaram que a dislexia é um distúrbio neurológico de origem congênita, que acomete crianças com potencial intelectual normal, sem déficits sensoriais, com suposta instrução educacional apropriada, contudo, não conseguem desenvolver a habilidade de leitura e escrita. Torna-se mais evidente dos 6 (seis) aos 7 (sete) anos.

Para Berger (1975) e Ciasca (2003) a dislexia é caracterizada como transtorno da leitura e da escrita que interfere no rendimento escolar, deixando-o inferior ao esperado em relação à idade cronológica da pessoa, ao seu potencial intelectual e a sua escolaridade.

Para Mousinho (2003) a dislexia é: um transtorno específico de leitura; um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem; um déficit lingüístico, mais especificamente uma falta de habilidade no nível fonológico; uma dificuldade específica para aprendizagem da leitura bem como para reconhecer, soletrar e decodificar palavras. Podemos também excluir a presença de dificuldades visuais, auditivas, problemas emocionais, distúrbios neurológicos ou dificuldades socioeconômicas como origem do transtorno. Entretanto, para entender de fato o que é a dislexia, devemos nos aprofundar um pouco mais na especificidade da leitura.

Rotta e Pedroso (2007) mencionam que a leitura oral do disléxico é caracterizada por omissões, distorções e substituições de palavras e a leitura lenta, vacilante, trabalhosa e individual da palavra impede a habilidade de compreender o que leu.

Mousinho (2003) acrescenta que a leitura é uma atividade complexa e não um processo natural. A autora menciona aspectos relacionados à leitura: por um lado as atividades desde análise, incluindo identificação de letras (decodificação) e reconhecimento de palavras (acesso direto ao dicionário mental); de outro, os processos de construção, que incluem integrações sintático-semântica (construção



frasal e significado), acesso ao significado (explícito e implícito), compreensão de enunciados (importante para todas as disciplinas e não só o português) e relação com conhecimentos prévios (que ancora a aprendizagem e permite a realização de inferências).

Certamente uma leitura baseada somente na análise será insuficiente: decodificador e leitor não são sinônimos. Sem possibilidade de construir, o objetivo final da leitura, que é compreender, interpretar, estabelecer relações, realizar inferências, etc. fica prejudicado. Entretanto, as funções de identificar letras e reconhecer palavras são específicas da leitura, e, portanto, fundamentais para a mesma (MOUSINHO, 2003).

Conforme Mousinho (2003) da mesma forma, a leitura baseada apenas na construção pode trazer uma série de problemas, como adivinhação de palavras e pouca habilidade para manipulação dos elementos menores das palavras, o que pode deixar a leitura pouco econômica. Secundariamente, a interpretação pode ficar prejudicada, apesar de oralmente estas habilidades estarem íntegras. Cabe ressaltar que estas atividades de construção não são exclusivas da leitura, ou seja, devem estar presentes desde a língua oral.

É neste último caso que identificamos os problemas dos disléxicos. Eles têm alterações básicas que prejudicam as atividades de análise, fundamentais para a leitura, apesar de apresentarem muitas vezes facilidade nas tarefas de construção.

Para compreendermos melhor por onde passa este entrave na leitura, vamos observar um modelo genético, de Uta Frith, de outro, os processos de construção, que incluem integração sintático-semântica (construção frasal e significado), acesso ao significado (explícito e implícito), compreensão de enunciados (importante para todas as disciplinas e não só o português) e relação com conhecimentos prévios (que ancora a aprendizagem e permite a realização de inferências).

Também deve-se destacar que estudos de ligação e associação têm apontado várias regiões cromossômicas que podem conter genes candidatos à dislexia. Essas regiões incluem os cromossomos 1p (TZENOVA, 2004), 2p (KAMINEN, MULLER e LYYTINEN, 2003), 6p (PETRYSHEN, et al 2001), 15q (CHAPMANN, et al 2004), e 18p (FISHER, et al 2002). Alguns genes têm sido associados à dislexia tais como: KIAA0319



(COPE, et al 2005) e DCDC2 (SCHUMACHER, et al 2006) no cromossomo 6p e EKN1 no cromossomo 15q (MENG et al 2005).

Parece haver um consenso na comunidade científica e na prática clínica em relação às características relacionadas à dislexia no desenvolvimento, sendo essas: é um transtorno específico das operações implicadas no reconhecimento das palavras (precisão e rapidez), que compromete em maior ou menor grau a leitura. A escrita e a produção textual também estão comprometidas (ROTTA e PEDROSO, 2007).

Outra característica da dislexia é que essa é um problema persistente até a vida adulta, mesmo com tratamento adequado, tornando o prognóstico reservado. Afeta um subconjunto, minoritário dos alunos com problemas na aprendizagem da escrita e leitura. Ela também está presente nos primeiros anos de escolaridade e nos casos que surge mais tarde é em decorrência de lesão cerebral.

Tratando-se da classificação da dislexia pode-se mencionar que existem muitas formas, de acordo com critérios utilizados. Alguns autores classificam-na pautados em testes diagnósticos, fonoaudiólogos, pedagógicos e psicológicos.

Desta forma, uma das maneiras de classificar a dislexia, sugerida por Rotta e Pedroso (2007), é por meio de percepções e memórias visual e auditiva, também pode-se citar as formas mistas, quando as duas vias perceptivas estão envolvidas. Essa classificação tem sido aceita por outros autores que referem as três formas: com memória auditiva pobre e visual boa; com memória visual boa e auditiva pobre; e com dificuldades em ambas.

Rotta e Pedroso (2007) também citam a classificação efetuada por Boder para a classificação da dislexia que divide em disfonética, diseidética e mista. Na dislexia disfonética a dificuldade é na análise e síntese da palavra, enquanto, que na diseidética ocorre limitações na percepção de letras como palavras como gestaltes visuais. Na mista, ocorre a combinação de ambas as formas.

Esses autores comentam que a dislexia disfonética pode ser pensada quando a pessoa tem dificuldades para ler palavras desconhecidas. Inicia a leitura e em seguida passa a adivinhar, considerando parte delas. Já a dislexia diseidética ocorre quando a criança lê de forma muito lenta, decompondo a palavra em partes, pela dificuldade de ler globalmente. A dislexia mista são alterações associadas as duas formas.



Outra classificação mencionada pelos autores é a de Colheart dividindo a dislexia em fonológica, superficial e profunda. A fonológica se dá pela por dificuldades na via indireta de acesso; e a superficial, quando os empecilhos ocorrem nas vias diretas; a profunda, quando dificuldades ocorrem nessas duas vias (ROTTA e PEDROSO, 2007).

Dentre as várias possibilidades de classificações também existem tentativas de explicar a fisiopatologia da dislexia. Uma delas explicadas por Rotta e Pedroso (2007) compõem-se de três categorias: a primeira pressupõe que o déficit fonológico, a segunda déficit na nomeação rápida, e a terceira, que é a teoria do duplo déficit, relacionada a dificuldade da escrita e leitura com as duas situações anteriores, constituindo formas graves de dislexia.

Outras teorias baseiam-se no envolvimento das percepções auditiva e visual. É assim que acreditam na possibilidade de que dificuldades no processamento auditivo podem levar dificuldades para perceber sons semelhantes. Pressupondo o desenvolvimento deficiente da linguagem oral.

Outro fator de influência na dislexia pode ser o genético, pois conforme Rotta e Pedroso (2007) diferentes pesquisas, encontram padrões de transmissão, que encaixam-se em modelos de herança. Em algumas famílias a dislexia é transmitida de forma dominante, podendo ser explicado por modo de transmissão dominante e autossômica influenciado pelo sexo. Nesse caso a dislexia tem a probabilidade de 100% em pessoas do sexo masculino, nas mulheres o percentual é de 65%. A influência genética parece estar mais presente na decodificação fonológica e a consciência do fonema do que para o reconhecimento da palavra e a codificação ortográfica. O impacto do ambiente parece ser importante para todos os processos da leitura (ROTTA e PEDROSO, 2007).

As questões relacionadas com a hereditariedade da dislexia são polêmicas. Para Rotta e Pedroso (2007) ela está situada em alguma parte do continuum normal, com diversos graus de gravidade, com características comuns. As evidências atuais apoiam-se na perspectiva de que a dislexia é familiar, na medida em que 35 a 40% dos parentes de primeiro grau são afetados, herdada em cerca de 50% dos casos.



Os autores comentam que estudos da anatomia do cérebro, em autópsia de pessoas com histórias de problemas de linguagem e de leitura, mostram anomalias nas áreas temporais esquerdas e no tálamo posterior. As diferenças cerebrais de pessoas com e sem dislexia estão no plano temporal. Nos leitores, o plano esquerdo é maior que o direito e nos disléxicos ambas são do mesmo tamanho (ROTTA e PEDROSO, 2007).

Também deve-se destacar que as pessoas com dislexia têm alterações na citoarquitetura e no cerebelo e de suas vias. Pode ser devido alguma agressão nos primeiros estágios de desenvolvimento. Outro fator é tamanho dos neurônios dos disléxicos, pois parecem ser menores que a média, pelo menos em algumas áreas cerebrais (por exemplo, o tálamo).

De maneira similar Arduino e Ciasca (2004) sintetizam alguns aspectos neurobiológicos das pessoas disléxicas: a redução do fluxo sanguíneo na região perissilviana, aumento da atividade metabólica nas regiões occipitais inferiores e no lobo insular, falha na ativação do córtex temporoparietal esquerdo durante uma tarefa rítmica, alterações na ativação das regiões temporal inferior e anterior esquerda durante estímulo.

Outros aspectos mencionados foram a função anormal no processo de movimentação ocular, deficiência no funcionamento integrado das áreas da broca e o córtex temporoparietal esquerdo, alterações na reconhecimento e no processamento fonológico em pacientes disléxicos, falha funcional no córtex posterior, alterações no plano temporal e localização de disfunção na junção temporoparietal.

Conforme Capellini e Ciasca (2000) os problemas relacionados à leitura podem ser diagnosticados na avaliação neuropsicológica, por meio de alterações fonológicas, manifestadas por dificuldades em acessar e reter informação necessária para a execução do ato de ler e escrever. Os componentes dos fatores neuropsicológicos são: a) qualidade do ato motor- para a resposta eficiente; b) habilidade em selecionar e manipular estímulos-absorção de estratégias ativas e flexíveis; c) habilidade em sustentar o processo mental; d) habilidade de ação imediata- realizando interação entre estímulo e resposta (CAPELLINI e CIASCA, 2000).



Desta forma, percebe-se a importância de efetuar-se intervenção precoce para que a pessoa com dislexia tenha as possibilidades de desenvolvimento otimizadas. Neste sentido, verifica-se a importância dos professores aumentarem seus conhecimentos para identificarem esses alunos por meio do reconhecimento de suas características e embasarem-se teoricamente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que abarquem as especificidades dos alunos com dislexia.

Partindo desse pressuposto o estudo apresenta o objetivo de identificar formas de intervenção que podem auxiliar o professor e aluno com dislexia no processo de ensino.

2. MÉTODO

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como pesquisa descritiva. Thomas, Nelson e Silverman (2012), ressaltam que é um tipo de estudo que procura resolver problemas a partir de observações, análise e descrição objetiva e completa, a partir de um momento no tempo-chamado status.

2.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para o desenvolvimento da pesquisa realizaram-se os respectivos procedimentos:

1º etapa: Buscou-se estudos desenvolvidos a fim de constatar a produção científica na temática, para efetivar-se tal etapa pautamo-nos nos periódicos Capes e Scielo, nas teses, dissertações e artigos das bibliotecas online da Universidade Federal de São Carlos-UFScar, da Universidade de Campinas-UNICAMP. Também buscaram-se livros e revistas brasileiras bem como estrangeiras.

2º etapa: Após os dados foram sintetizados e agrupados de acordo com a semelhança apresentada, nesta etapa também foram observadas datas da publicação das obras e desta forma foram elencadas as diferenças dos conceitos, classificação em relação à temática.



3ª etapa: Depois de sintetizar os dados obtidos foi efetuado o apanhamento geral dos dados e a descrição do posicionamento teórico dos autores dessa pesquisa.

INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS VOLTADA AOS ALUNOS COM DISLEXIA

Uta Frith (1985) descreveu três estratégias, pelas quais todas as crianças passariam durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. A primeira é a Estratégia Logográfica correspondência global da palavra escrita com o respectivo significado. Produção instantânea das palavras, apresentadas de acordo com suas características gráficas, sem possibilidade de análise. Subseqüente menciona a Estratégia Alfabética capacidade de segmentar a palavra em fonemas, o que demanda consciência fonológica. Aplicação das regras de conversão fonema-grafema. Escrita de palavras novas e inventadas. Escrita com apoio na oralidade.

Estratégia Ortográfica Já devemos ter experiência suficiente com a leitura para montarmos um dicionário visual das palavras (léxico). Acesso visual direto à palavra. Agiliza a leitura e atinge o significado mais rapidamente. Permite escrita de palavras irregulares. Uso de analogias lexicais de palavras conhecidas para escrever novas palavras.

Segundo Mousinho (2003) o disléxico apresentaria uma dificuldade mais importante na estratégia alfabética. Alguns teriam dificuldade de chegar a esta fase, ficando presos a uma leitura do tipo logográfica. Outros utilizariam a estratégia alfabética, mas com muita dificuldade, sob muito esforço. Por este motivo, leriam menos, apresentando, então, um dicionário mental (ou léxico) com um número reduzido de palavras. Conseqüentemente, a estratégia ortográfica ficaria prejudicada. Para observar tais aspectos, deve ser considerado o processo natural de aprendizagem da leitura e escrita.

No intuito de favorecer o ensino de todos os alunos e inclusive dos com dislexia Rotta e Pedroso (2007) mencionam que o passar confiança a pessoa com dislexia é importante, pois essa pessoa precisa de atenção especial e sentir-se a vontade para solicitar ajuda (ROTTA e PEDROSO, 2007).



Os autores também destacam que o material oferecido para o disléxico ler deve ser apropriado para o seu nível, também os aspectos positivos precisam ser destacados nos seus trabalhos. A leitura em público precisa ser evitada e necessita-se aceitar que esse aluno distraia-se com maior facilidade.

O tratamento é centrado na reeducação da linguagem escrita, abordando todos os aspectos envolvidos. Segundo a International Dyslexia Society, na dislexia deve ser observado que as diferenças são pessoais, o diagnóstico é clínico, o entendimento é científico e o tratamento é educacional.

Para que se desenvolva o tratamento educacional precisa-se de uma proposta de ação pedagógica para atuar junto aos alunos com dislexia. Para elucidar essa ação baseamo-nos na proposta de Rotta e Pedroso (2007) que contempla algumas estratégias como: o ensinar a resumir anotações que sintetizem o conteúdo, permitir o uso de meios informáticos, de corretores, de calculadora e de gravador.

Outras ações que abrangem a proposta é o uso de materiais que permitam visualizações, as cópias de textos longos sempre que possível devem ser evitadas e diminuir deveres de casa envolvendo a leitura e escrita.

Em relação a avaliação Rotta e Pedroso (2007) citam alguns aspectos: a realização sempre que possível de provas orais, prever tempo extra como recurso obrigatório, evitar a utilização de testes de múltipla escolha, valorizar os trabalhos pelos conteúdos e não pelos erros de escrita, oportunizar lugar tranquilo ou sala individual para fazer testes ou avaliações.

Deuschle e Cechella (2009) comentam que os enfoques terapêuticos devem ser baseados nos princípios básicos da aprendizagem da leitura, no processo de transformação de grafema- fonema e no reconhecimento global da palavra. Primeiramente a ação terapêutica deve ajudar crianças a aprenderem a organizar verbalmente os estímulos visuais e auditivos para facilitar sua posterior associação com significado. Também ressaltam a importância ao estímulo a tomada de decisão de uma consciência fonêmica para a decodificação e uma consciência ortográfica que corrija lapsos visuais.

Para crianças que não iniciaram o processo de aquisição do código escrito, a terapia evolutiva procura desenvolver áreas sensório-motoras da criança para que essa



obtenha o código escrito. A dislexia implica uma abordagem mediante uma estratégia psicopedagógica destinada a estabelecer nexos entre a recepção do estímulo e sua incorporação ao léxico (DEUSCHLE e CECHELLA, 2009).

Segundo Salles, Parente e Machado (2004) uma intervenção bem sucedida depende de uma avaliação criteriosa e multidisciplinar (neurologia, fonoaudiologia, psicologia, pedagogia ou psicopedagogia). O processo de avaliação dos fatores cognitivo-linguísticos deve estar intimamente ligado aos modelos teóricos de aprendizagem da leitura.

Para Deuschle e Cechella (2009) a dislexia implica uma abordagem mediante uma estratégia psicopedagógica destinada a estabelecer nexos entre a recepção do estímulo e sua incorporação ao léxico.

Conforme proposto por Etchepareborda (2002) há um cronograma de tratamento por ordem de complexidade como sugestão a ser seguida na intervenção de pessoas com dislexia:

1º) Estrutura silábica das palavras

- síntese silábica;
- análise silábica;

2º) Identificação de sílabas

- segundo sua posição;
- segundo sua natureza;

3º) Comparação de sílabas

- segundo sua posição;
- segundo sua natureza;

4º) Recombinação fonológica

- omissão de sílaba final;
- omissão de sílaba inicial;
- omissão de sílaba central;
- inversão de sílabas;
- adição de sílaba final;
- adição de sílaba inicial.



Quanto à intervenção pedagógica, os sujeitos com distúrbios de leitura e escrita devem participar de atividades que possam promover o desenvolvimento da consciência fonológica (ETCHEPAREBORDA, 2002).

Deve-se ressaltar ainda, que a identificação precoce da dislexia é importante porque o cérebro apresenta maior plasticidade em crianças e é potencialmente mais maleável para um redirecionamento dos circuitos neuronais (ETCHEPAREBORDA, 2002).

Mousinho (2003) complementa que a dislexia não é causada por fatores ambientais, o seu futuro depende de forma imprescindível do meio. Portanto, uma educação que reconheça as dificuldades específicas destes alunos muito poderá contribuir para o seu desenvolvimento. Associadas a um tratamento interdisciplinar (às vezes é necessário fazer uma eleição, ou seja, priorizar um tratamento em um dado momento), a escola e a família exercem um papel fundamental para que a dislexia não se torne mais um fator de impedimento no crescimento acadêmico. O professor é indispensável neste caminho, identificando, em um primeiro momento, e podendo compreender e auxiliar essas crianças e jovens em seu processo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada aluno se apropria do conhecimento de forma diferenciada na medida em que possuímos individualidades e tratando-se da aprendizagem não é diferente e alguns alunos apresentam dificuldades nesse processo devido a fatores congênitos denominado de distúrbio de aprendizagem.

Entre esses distúrbios está inserida a dislexia que acomete um grande número de alunos que apresentam dificuldade no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita. Tratando-se da etiologia desse distúrbio são atribuídos vários fatores dentre esses: genético, hereditário, contudo, ainda existem controvérsias na literatura que precisam ter discussões mais aprofundadas.

Desta forma, entende-se a importância do diálogo entre profissionais da saúde e da educação para que conhecimentos possam ser compartilhados e o processo de ensino de todas as crianças e inclusive das com dislexia possa ser otimizado.



Com relação às intervenções que o docente pode inserir na prática pedagógica com alunos com dislexia constatou-se que por meio de atitudes simples como: uso de materiais adequados a faixa etária, individualidade que estejam de acordo com os interesses, acrescenta-se ainda que os êxitos alcançados pelos alunos devem ser enfatizados pelo professor, o docente deve passar confiança e a relação entre os alunos deve ser estimulada para que a turma troque conhecimentos e cada colega auxilie o outro favorecendo a interação entre a turma.

Tais medidas podem favorecer o processo de ensino de todos os alunos e contribuir para o desenvolvimento das potencialidades, pois a sala de aula é um local onde diversidades são encontradas, cada aluno aprende e pensa de modo singular, é provido de concepções culturais distintas e todos podem e devem contribuir de forma ativa no processo de aprendizagem por meio da troca de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A, J. **A revisão da bibliografia em teses e dissertações:** Meus tipos inesquecíveis Cadernos de pesquisa, maio de 2002, p.53-60.

ARDUINO, R.G.; CIASCA, S. M. **Estudo comparativo das avaliações neuropsicológicas e de neuro-imagem em crianças com distúrbio específico de leitura.** Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=WVKAYdclvCIC&pg=PA191&lpg=PA191&dq=refer%C3%Aancia+arduino+e+ciasca&source=bl&ots=36APd6zmFK&sig>>. Acesso em 4 de maio de 2014.

BERGER M, YULE W, RUTTER M. **Attainment and adjustment in two geographical areas. II – The prevalence of specific reading retardation.** Br J Psychiatry.1975;126:510-9.

BERNARDI, J.; STOBASUS, C. D. Discalculia: conhecer para incluir. In: **Revista de Educação Especial**, Santa Maria, 2011.

CHAPMAN N. H., et. al. **Linkage analyses of four regions previously implicated in dyslexia:** confirmation of a locus on chromosome 15q. Am. J. Med. Genet B. Neuropsychiatr. Genet. 2004.

CIASCA S. M.; CAPELLINI S. A. Distúrbios específicos de aprendizagem. In: Ciasca S. M, (Org.) **Distúrbio de aprendizagem:** proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003. p. 55-66.



COPE N, et. al. **Strong evidence that KIAA0319 on chromosome 6p is a susceptibility gene for developmental dyslexia.** Am. J. Hum. Genet. 2005.

DEUSCHLE, P, V.CECHELLA, C. **O deficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia:** Diagnóstico e intervenção. Rev CEFAC, v.11, Supl2, 194-200, 2009.

DSM-IV: **Diagnostic and statistical manual of mental disorders.** 4th ed. Washington: American Psychiatric Association; 1995.

DSM-V: **Diagnostic and statistical manual of mental disorders.** 4th ed. Washington: American Psychiatric Association; 2013.

ETCHEPAREBORDA MC. **Detección precoz de La dislexia y enfoque terapéutico.** Rev Neurol34(Suppl1):13-23, 2002.

FISHER, S. E., et. al. **Independent genome-wide scans identify a chromosome 18 quantitative-trait locus influencing dyslexia.** Nat. Genet. 2002.

Frith, U. **Beneath the Surface of Developmental Dyslexia.** In: Patterson, K., Coltheart, M., Marshall, J.C. **Surface dyslexia.** Hillsdale: Lawrence Erlbaum associates, 1985.

GIACHETI, C. M.; CAPPELINE, S. A. **Distúrbio de aprendizagem: avaliação e programas de remediação.** São Paulo: Fontis, 2000.

KAMINEN N, et. Al. **A genome scan for developmental dyslexia confirms linkage to chromosome 2p11 and suggests a new locus on 7q32.** J. Med. Genet. 2003.

MOUSINHO, R. **Conhecendo a dislexia,** In: **Dificuldades de aprendizagem compreender para melhor educar.** Realizado pela Escola do Professor do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, Sinpro-Rio, nos dias 24 e 25 de outubro de 2003.

PETRYSHENTL, K., et. al. **Evidence for a susceptibility locus on chromosome 6q influencing phonological coding dyslexia.** Am. J. Med. Genet. 2001

ROTTA, T, N. PEDROSO, S, F. **Transtornos da linguagem,** in: ROTTA, T, N. OHLWEILER, L, **Transtorno da aprendizagem abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** 2ª edição, Porto Alegre: Artmed, 2007.

Salles JF, Parente MAM, Machado SS. **As dislexias de desenvolvimento: aspectos neuropsicológicos e cognitivos.** Interações. 2004; 9(17): 109-32.

SCHUMACHER J., et. al. **Strong genetic evidence of DCDC2 as a susceptibility gene for dyslexia.** Am. J. Hum. Genet. 2006.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.



I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INCLUSÃO ESCOLAR:
práticas em diálogo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - CAP-UERJ - 21 a 23 de outubro de 2014



TZENOVA J, et. al. **Confirmation of a dyslexia susceptibility locus on chromosome 1p34-p36** in: A set of 100 Canadian families. *Am. J. Med. Genet.* 2004;27(1):117-124.